

João Dória Nóbrega (1934-2021): a unique man João Dória Nóbrega (1934-2021), um homem singular

Ana Campos¹, Clara Soares¹, Fátima Serrano¹, Maria José Alves¹

O Dr. Dória, como era habitualmente conhecido, foi uma personalidade ímpar. Profundamente respeitado pelos seus pares e Mestre de muitos que, neste momento, desempenham funções e atividades de relevo na Obstetria e Ginecologia, a todos transmitiu um enorme entusiasmo pela especialidade, que ele se encarregava de cultivar.

Pessoa de grande afabilidade, foi um homem aberto à reflexão e à inovação. Propunha-se sempre refletir sobre novas propostas que surgiam e ele próprio era dotado de uma incansável curiosidade científica e de uma simplicidade, características próprias de alguém que muito sabia. Os milhares de grávidas a que assistiu devem-lhe uma conduta sempre ditada pela evidência científica.

A Maternidade Alfredo da Costa (MAC) foi sempre a sua casa. Casa que ele escolheu em 1965 como local de formação, para aí se empenhar e viver plenamente aquilo que é hoje a história das mudanças da obstetria moderna, para a qual muito contribuiu.

Foi protagonista da mudança da forma de encarar a especialidade. O médico obstetra, conhecido como parteiro, dedicava grande parte da sua atividade a fazer partos. A gravidez era pouco estudada até aos anos 70 e pouco vigiada. Nessa época, com grandes avanços na investigação em medicina, melhorias na tecnologia de diagnóstico, foi possível modificar o paradigma da gravidez e do parto. Estas mudanças ditaram novas condutas nos desfechos materno-fetais. Dizia que quando entrou na MAC o importante era “nascer” e quando saiu, o importante era “gerar”¹.

Em 1987, fez parte da mudança nas estatísticas na mortalidade materna e perinatal em Portugal. Foi um dos seis grandes senhores da Medicina Perinatal que integraram a inclita 1^a Comissão de Saúde Materna e Neonatal, cujo programa foi, em setembro desse ano, apresentado pela ministra Leonor Beleza, no anfiteatro da MAC. A determinação do grupo constituído e o apoio da tutela permitiram a estruturação duma rede perinatal, concebida não no gabinete, mas num traba-



lho estruturado no terreno, vencendo obstáculos e ouvindo os intervenientes locais. As consequências deste trabalho contribuíram para colocar Portugal entre os melhores da Europa no que diz respeito a indicadores de assistência perinatal.

Para ele, a grande viragem na Obstetria deu-se na MAC em 1977, altura em que, com o diálogo empenhado entre obstetras e pediatras, na altura ainda poucos deles neonatologistas, conseguiu autorização para realizar eletivamente um parto pré-termo, em situação de doença materna induzida ou agravada pela gravidez que acarretava sofrimento fetal crónico. A cesariana foi realizada num prematuro de 34 semanas, que sobreviveu. Para ele, esse facto ditou, não só o diálogo e a ação conjunta das duas especialidades, mas também o início da Medicina Materno Fetal.

Tinha uma obsessão pela documentação. As suas preocupações na unificação do processo clínico, nos

1. Assistente Graduada Sénior da Maternidade Dr. Alfredo da Costa, CHULC.

anos 80, ditavam já o interesse na sua preparação para a informatização. Mentalmente aberta, a chegada de novos internos para a especialidade constituiu para ele um prazer, procurando a sua integração e interessando-os no raciocínio clínico, na prática médica e na investigação clínica que iniciou por esses anos.

Conseguiu pôr em prática métodos organizativos que puderam reduzir o insucesso obstétrico; por sua iniciativa foram criadas, a partir de 1989, as consultas por patologia específica materna ou por causas sociais. Muito antes de outras instituições, que vieram posteriormente a organizar as suas consultas dessa forma, a MAC passou a ter consultas para grávidas diabéticas, hipertensas, adolescentes, patologia da adição, patologia do 1º trimestre e insucesso obstétrico. E pensou-as e organizou-as multidisciplinarmente nos idos anos de noventa! Isto trouxe indubitavelmente melhorias nos resultados clínicos.

A área do aborto recorrente e da perda fetal foi a área em que mais se empenhou nos últimos anos da sua atividade hospitalar. Vivia com angústia, a situação das mulheres que tentavam uma gravidez viável sem o conseguirem. Na investigação destas situações, da imunologia ao estudo genético, tudo procurava conhecer e os êxitos que conseguiu, em situações desesperadas, que conhecia pelos nomes, foram grandes vitórias para ele.

Em artigo publicado no "Diário de Notícias"² em abril de 2012 a propósito da ideia do encerramento da MAC, à qual se opôs tenazmente, diz que viveu um tempo irrepetível de mudanças de conceitos e de condutas, com a criação de novas variáveis – a gravidez, nas suas diferentes fases, e o feto – que passou a ter importância crescente, não deixando de se dar importância ao parto.

Considerava que a variável "número de partos" não tem hoje o mesmo peso que tinha nas instituições; são hoje muito mais importantes os cuidados especializados, prestados na gravidez nas diversas situações de risco materno ou fetal.

Criou um grupo de internos a quem ensinou tudo o que sabia, mas a quem essencialmente ensinou a importância da reflexão e da atualização e que, segundo ele, seriam os seus continuadores.

O legado que deixou não vai seguramente ser desperdiçado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. J Dória Nóbrega. In: *Omnia Sanctorum: Histórias da História do Hospital Real de Todos-os-Santos e seus sucessores*. Págs. 166-179. By the Book ed, Lisboa 2011. ISBN: 978-989-97317-6-92.
2. Artigo publicado no jornal *Diário de Notícias* 18 de Abril 2012.